



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS**

**AZEMAR DOS SANTOS SOARES NETO**

**ENTRE LOAS E A HERANÇA AFRICANA: UMA LEITURA DO VODOO NA  
SÉRIE AMERICAN HORROR STORY – COVEN (2013-2014)**

**GUARABIRA  
2021**

AZEMAR DOS SANTOS SOARES NETO

**ENTRE LOAS E A HERANÇA AFRICANA: UMA LEITURA DO VOODOO NA  
SÉRIE AMERICAN HORROR STORY – COVEN (2013-2014)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de  
graduado em Letras Inglês.

**Orientadora:** Prof. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

GUARABIRA  
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676e Soares Neto, Azemar dos Santos.  
Entre LOAS e a herança africana [manuscrito] : uma leitura do voodoo na série American Horror Story - Coven (2013-2014) / Azemar dos Santos Soares Neto. - 2021.  
39 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Voodoo. 2. Sacerdotisa. 3. Negro. 4. Mulher negra. I.  
Título

21. ed. CDD 305.4

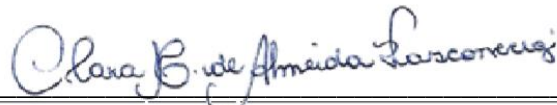
AZEMAR DOS SANTOS SOARES NETO

**ENTRE LOAS E A DISÁSPORA AFRICANA: UMA ANÁLISE AO CULTO DO  
VOODOO NA SÉRIE AMERICAN HORROR STORY – COVEN (2013-2014)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de  
graduado em Letras Inglês.

Aprovada em 21 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Orientadora



---

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinadora



---

Prof. Me. Rafael Francisco Braz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Examinador

Aos pretos escravizados, à sua cultura marginalizada e a quem se sentir representado. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido minha força. Agradeço.

À Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, que com muito carinho aceitou fazer parte deste trabalho como minha orientadora. Eu não poderia deixar de expressar o quanto sou grato pelas suas considerações e sua importância em minha trajetória acadêmica. Obrigado por tanto, obrigado pelas aulas e por sempre estar presente quando precisei. Saiba que tens um espaço em meu coração e na minha vida.

À minha família, nas pessoas de: Azemar Soares, Iarua Santos, Teresa Helena, Nina e Nemo, dedico.

Em especial a Azemar Júnior, carinhosamente por mim chamado de: Pabinho, que como um pai cuidou e me guiou nos momentos de decisão e nunca hesitou em me dar apoio. A ele sou apenas grato. Te amo.

Iaponira Santos, me faltam palavras para agradecer todas as coisas que tens feito por mim, as oportunidades, o apoio e principalmente o acolhimento. Você é minha tia, Popó. Estendo as palavras para Marcos Antônio, meu querido Tio, com quem tenho as melhores conversas sobre a vida. Amo vocês.

Ao meu primo/irmão Arthur Manoel, com quem troco brigas e afetos, você é um pedacinho do meu coração. Obrigado por tudo.

À minha mãe, Wanubia Carneiro, que sempre esteve presente nos momentos de angústia e de felicidade. É no seu colo que busco carinho e felicidade. Como um dia de sol, você trouxe/traz luz para minha vida. Te amo, Mãe Nubinha.

À minha mãe/avó Maria de Fátima (*in memoriam*) e Iara Cristina (*in memoriam*), nos momentos mais profundos de insegurança e medo eu pensei em vocês e pedi forças, nossas lembranças me fizeram continuar, mesmo com a dor da saudade a bater de vez em quando as portas do meu coração. Dedico.

Ao querido Eduardo Sebastião que se fez/faz presente em momentos significativos da minha vida, este trabalho também tem um pedacinho seu. A você sou grato.

Aos meus amigos que compartilharam e estiveram/estão comigo nos momentos mais ímpares, seja de tristeza, felicidade ou loucura. Vocês têm em mim o afeto e amizade do tamanho da minha intensidade, às *Freiras Descalças*, eu dedico: Driely Azevedo, Eduarda Dias, Heloísa Maria, Izabelly Lima, Michel Lucas,

Thiago Farias, Tia Biza, Maria Luciene e Luiz Paulo. Estendo os agradecimentos às minhas amigas construídas durante o ensino médio lá no CCJAA: Jaíne Gouveia, Joyce Kamily, Raiane Alves e Lucas Andrey, vocês são meus amores.

Dos corredores da universidade para minha vida: Daniel Lira, Maria Liliane e Selton Lima, vocês foram minhas melhores companhias durante o percurso acadêmico e falo sem medo que idas e vindas, as aulas e cafezinhos, não fariam tanto sentido sem a companhia de vocês. Obrigado por compartilharem comigo toda as lamentações, alegrias, inseguranças, madrugadas em claro e leituras para a construção deste trabalho. Vocês cuidaram de mim como uma família; vocês são meus tesouros. Este trabalho também é um pedaço de vocês. Meu amor e admiração por todos.

À Mariana Melo, minha querida professora de inglês que conheci no CCAA, meu respeito e agradecimento pelas aulas incríveis, você me deu apoio para seguir a carreira docente, serás sempre minha inspiração.

Luiza Soares, você tem sido uma das pessoas mais incríveis que conheci ultimamente, em momentos sombrios em que não me encontrava, você se tornou minha luz, minha confidente e amiga. Eu amo você.

À banca, que aceitou fazer parte deste trabalho com suas contribuições, eu agradeço. Rosângela Neres, querida, toda minha admiração, carinho e respeito pela sua pessoa. Rafael Braz, seu estilo me encanta, vejo em você a personificação da bruxa contemporânea, é uma satisfação tê-los aqui.

Agradeço a todos os professores do campus III que estiveram presentes em minha jornada, em especial ao Professor Willian Sampaio, que me acolheu como monitor na disciplina Língua Inglesa VI. Obrigado.

“And I don't mind if I lose any blood on the way to salvation and I'll fight with the strength that I got until I die.”

– Cynthia Erivo (2019).



## RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar o culto ao *Voodoo* e as representações construídas sobre homens e mulheres negros e negras na série *American Horror Story – Coven* (2013-2014). Para tanto, realizamos discussões sobre as questões de cunho religioso, que foram utilizadas como forma de resistência à exclusão da cultura negra na história e nas mídias, e como a mulher foi representada como sacerdotisa na religião. Além do mais, são expostas algumas representações que fazem parte do *Voodoo*, como uma entidade de extremo resplendor, o Papa Legba e um ritual que representa como a figura da mulher negra está relacionada em oposição ao sujeito branco. Teoricamente, recorremos às contribuições acerca do *Voodoo* com os estudos de Paradiso (2012), a questões de como o negro se comporta na sociedade à luz de Fanon (2012) e Almeida (2019) entre outros aportes teóricos como: Candido (2006) e Davis (2016). Metodologicamente, essa pesquisa se ampara na análise qualitativa da fonte problematizada: a série *American Horror Story – Coven* (2013-2014). Realizamos a cristalização de algumas cenas/imagens por meio da captura de tela (*Printscreen*), que nos permitiu realizar as análises. Conclui-se que as mulheres negras encontraram na religiosidade uma forma de resistência e manutenção de sua cultura.

**Palavras-chave:** *Voodoo*. Sacerdotisa. Negro. Mulher negra.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the cult of Voodoo and the representations built on black men and women in the series American Horror Story - Coven (2013-2014). Religious issues are discussed that become used as a form of resistance to the exclusion of black culture in history and in the media and how the woman is represented as a witch in religion. In addition, some representations that are part of Voodoo are displayed, as an entity of extreme splendor, Papa Legba and a ritual that represents how the figure of the black woman is related to the white subject. It is also exposed the place that black people occupy in society. To this end, we use the contributions about Voodoo with the studies of Paradiso (2012), the questions of how the black behaves in society in the light of Fanon (2012) and Almeida (2019) among other theoretical contributions such as Candido (2006) and Davis (2016). Methodologically, this research is based on qualitative analysis from the problematized source: The series American Horror Story - Coven (2013-2014). We perform crystallization of some scenes/images through printscreen that allowed us to perform the analyses. It is concluded that black women found in religiousness a form of resistance and maintenance of their culture.

**Keywords:** Voodoo. Witch. Black. Black Woman.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – <b>No trono em que a faz rainha: Marie Laveau sentada</b> .....	20
Figura 02 – <b>Madame Delphine LaLaurie na sala de sua casa</b> .....	21
Figura 03 – <b>O senhor de todos os caminhos: Papa Legba</b> .....	23
Figura 04 – <b>Madame Delphine LaLaurie se recusa em servir Queenie</b> .....	28
Figura 05 – <b>Fiona Goode finalizando seu discurso antirracista</b> .....	29
Figura 06 – <b>Cena em que Cordelia está sendo iniciada no ritual</b> .....	32
Figura 07 – <b>Marie Laveau dando início ao ritual</b> .....	33
Figura 08 – <b>Sêmen jogado na fogueira durante o ritual</b> .....	33
Figura 09 – <b>Marie comendo a pimenta-da-guiné</b> .....	35
Figura 10 – <b>Cordelia Foxx banhada no sangue de uma cabra</b> .....	36

## SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT .....	10
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 AMERICAN HORROR STORY: BREVES NOTAS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 RELIGIÃO, PRECONCEITO E ESCRAVIDÃO .....</b>	<b>18</b>
3.1 Raça e subserviência: a decida de LaLaurie e o discurso antirracista .....	25
<b>5 REPRESENTAÇÕES DO VODOO: UMA ANÁLISE NA SÉRIE.....</b>	<b>31</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A partir do século XX, questões raciais e discriminação começaram a tomar corpo dentre as ciências. Grandes áreas do conhecimento como a sociologia, davam seus primeiros passos nas leituras descoloniais. Não demorou muito para que os debates ecoassem sobre outros meios, como na política e nas artes.

O movimento estimulou grandes obras literárias no período, resgatando e denunciando muitas dores que estavam até então silenciadas, como é o caso dos romances *A cor púrpura* de autoria de Alice Walker, e *Amada*, de Toni Morrison. Outro exemplo a ser dado é *O sol é para todos*, de Harper Lee e *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* de Maya Angelou, além de outras produções literárias pertencentes às ex-colônias europeias tais como *Foe*<sup>1</sup> de J. M. Coetzee, *Um vasto mar de sargaços* de Jean Rhys e *O mundo se despedaça* de Chinua Achebe.

Como símbolo de resistência, também podemos apontar o universo cinematográfico, pois apesar das mais expressivas discussões sobre as históricas conquistas de homens e mulheres pretos/as, essas ainda são parcos diante do espaço cedidos a atores brancos. Este fato ainda nos choca, especialmente se levarmos em consideração o mundo pós-abolição da escravidão, as lutas contra o racismo e a democratização da educação. É preciso ainda ressaltar que quando uma história é contada ou encenada por um ator negro como personagem principal, ele acaba sendo apontado não como um ator, mas como um “ator negro”.

Ao fim do vigésimo século, a situação começa a se desdobrar, mas esbarra em outros entraves: a falta de atores negros e o consciente coletivo sobre a cultura negra, sendo retratada de forma pejorativa e caricata ou recorrendo ao *Black face*<sup>2</sup>. Apontamos, ainda, que esses problemas se voltam para a figura masculina – uma vez que a representação da mulher era praticamente inexistente.

É por esse ângulo, buscando essas reflexões historiográficas sobre a representação da cultura afro-americana, que desenvolvemos este trabalho. Através de uma abordagem qualitativa, pretendemos analisar o culto ao *Voodoo*<sup>3</sup> a partir da série *American Horror Story – Coven*, dirigida por Ryan Murphy, entre os anos de 2013 e 2014. Ademais, analisaremos a figura da sacerdotisa negra, os rituais

---

<sup>1</sup> Esta obra foi traduzida para a língua portuguesa intitulada como *A ilha*.

<sup>2</sup> Homens brancos que se utilizavam das máscaras pretas ou se pintavam de preto para representarem personagens pretos.

<sup>3</sup> Religião originária da África Ocidental.

presentes na narrativa, entidades, bem como as questões referentes ao racismo, numa época em que a figura do negro ainda era vista de forma preconceituosa.

Além dos estudos de Paradiso (2012), representados pela alteridade e diáspora africana, reforçaremos nossa pesquisa com as contribuições sobre *Voodoo* haitiano, de Dalmaso (2009) e Hurbon (1987); a definição do *Voodoo* como religião segundo Lopes (2004), e identidade do negro e assimilação de como ele está intrínseco na cultura branca, aos olhos de Fanon (1958), dentre outros.

Para tanto, este trabalho se justifica pela necessidade refletirmos acerca do lugar em que o negro ocupa nas sociedades ocidentais, especialmente quando pensamos na figura da mulher que sempre exotizada e hipersexualizada quando não é representada como uma velha pobre ou empregada em casa de ricos. Diante do atual cenário de recorrentes violências contra a comunidade negra devido a uma necropolítica praticada pelos estados nacionais, pensar o lugar do negro e a sua contribuição para o campo da educação e a sua possibilidade de utilização em sala de aula torna-se preponderante.

Desse modo, o desenvolvimento deste trabalho se dá em três tópicos: no primeiro, batizado por "*American Horror Story: breves notas*", apresentamos uma breve contextualização do seriado, focando na temporada que é *corpus* de nossas análises; no segundo, intitulado "Religião, preconceito e escravidão", refletimos acerca dos temas que dão título ao tópico e analisamos as suas representações na série; ainda nessa seção realizados a discussão sobre "Raça e subserviência: a descida de LaLaurie e o discurso antirracista" problematizando questões relativas à raça e a subalternização da comunidade negra; por fim, o último tópico que chamamos de "Representações do *voodoo*, uma leitura", espaço dedicado a análise de como o *voodoo* foi representado na série, focando as nossas análises em como a mulher esteve ligada à religião ao ser representada como sacerdotisa.

## 2 AMERICAN HORROR STORY: BREVES NOTAS

A série de TV norte-americana *American Horror Story* teve sua estreia no ano de 2011, com sua primeira temporada intitulada de *Murder House*. Nos anos posteriores, seguiu trazendo histórias populares de horror estadunidenses cada vez mais sombrias: desde *serial killers*, psicopatas, extraterrestres e aquilo que foi considerado aberrações<sup>4</sup>. Contudo, a temporada em questão a ser analisada será a terceira, que tem como título *Coven* (2013-2014) e foi dirigida por Ryan Murph. O enredo desta temporada traz em seu corpo, desde o título – que traduzimos para o português como *O Clã* -, a representação de sacerdotisas, fazendo referências à escravidão, com representações do *Voodoo*, que será nosso principal objeto de análise, passando pela Santa Inquisição até a contemporaneidade.

Além do mais, a representação da mulher como sacerdotisa, na qual temos o *Malleus Maleficarum* (1487) como uma das primeiras obras destinadas à identificação de bruxas, podemos observar que está caracterizada como a de um ser demoníaco, maligno, feio, originalmente configurada como uma senhora velha e solitária. *Coven* faz um contraponto a esta análise, conduzindo a figura da bruxa a belas jovens, figuras públicas, afastando essa ideia da bruxa ser isolada socialmente.

Desta forma, a série propõe ao telespectador um novo olhar sobre a figura da mulher, da sacerdotisa, da bruxa, da escravizada e de questões raciais que permeiam a discussão, contribuindo para uma análise de como nos portamos diante das questões raciais e religiosas. É possível que o entendimento sobre a religião seja efetivamente compreendido como uma possível potencialização contra a intolerância religiosa.

Levando em consideração os fatos expostos na série, o *Voodoo* é uma religião que não tem exatamente uma data específica de criação, mas sabe-se que esta tem suas raízes no continente africano, especificamente no antigo Reino de Daomé, conhecido hoje como a República de Benin, país localizado a oeste da África, e no Congo na mesoáfrica. É por meio da diáspora que esta religião, assim

---

<sup>4</sup> Personagens que compõem a quarta temporada da série, com anomalias físicas que fazem parte de um circo: a mulher barbada, o homem mãos de lagosta, a mulher que tem três seios, as gêmeas siamesas que compartilham o mesmo corpo, entre outros.

como outras de matriz africana, se difunde para além das fronteiras do continente africano e de transcultural com o contato que se estabelece com outras sociedades.

Como exposto nos primeiros episódios da série, com a diáspora africana, a religião *Voodoo* espalhou-se pelo continente americano. O Haiti foi tido como o país com as principais referências a esse culto. Logo, estendeu suas raízes para o sul dos Estados Unidos. Na cidade de New Orleans, Louisiana, é possível observar como as raízes africanas do culto se transculturaram por meio da amalgamação desta com outras religiões/crenças, tais como doutrinas espíritas, xamânicas e católicas, um processo que pode ser entendido como sincretismo.

Silvio Ruiz Paradiso (2005; 2012), em seu artigo *Relações de Poder e Alteridade no Hoodoo e Voodoo da Diáspora. Práticas Religiosas Afro-americanas em The Skeleton Key*, iniciou um diálogo sobre as práticas do *Voodoo*, nos oferecendo uma reflexão sobre essa prática religiosa. Este autor ainda apresenta alguns filmes do gênero de terror/horror que têm como referência essas práticas religiosas.

Com a diáspora negra, muitas das práticas religiosas dos africanos chegaram às Américas através de seus sacerdotes e praticantes. Todavia, junto com a crença dos colonizados, chegou também com os colonizadores a mentalidade exótica, diabólica e perigosa de tais práticas, nascidas a partir da alteridade e do binarismo bem/mal advinda do cristianismo (PARADISO, 2012, p. 285).

Resultante do movimento diaspórico que marca a colonização e o tráfico negreiro, conforme observamos na citação acima, Paradiso (2012) nos apresenta algumas questões advindas desse processo que marcaram a comunidade negra. Os estigmas existentes em torno da religião, a cor da pele, os costumes, etc., são resultantes do pensamento eurocêntrico que carrega consigo uma concepção de identidade de sujeito iluminista, cuja marca principal é o domínio da razão.

Assim, para poder se constituir como tal, o sujeito ocidental passou a tomar o Oriente como seu oposto. Desse modo, de um lado observamos a figura hegemônica do branco e do outro lado encontramos a figura do negro pintada pelo branco, em que suas principais características se baseiam na demonização de sua religião, exotividade de seu povo e costumes, hipersexualização do homem e da mulher, práticas religiosas pagãs e ditas perigosas. Desse modo, o branco não respeitou a alteridade ao criar o dualismo branco *versus* negro, bom *versus* mau, cristianismo *versus* paganismo. Portanto, discutimos no tópico seguinte as



categorias que nos ajudam a entender como foram construídas as representações contidas na série em análise.

### 3 RELIGIÃO, PRECONCEITO E ESCRAVIDÃO

Às margens de uma sociedade pautada no racismo e excludente devido as correntes físicas e ideológicas da escravidão no decorrer da idade moderna e contemporânea, o negro não era de fato aceito, fosse pelas características de seu cabelo, dito como “ruim”, religião ou apenas pela cor de sua pele, tais elementos fenotípicos se constituíam como barreiras impostas; como um problema para que eles não fossem tratados como sujeitos.

Assim como expõe Silvio Almeida no livro *Racismo Estrutural* (2019), quando discorre sobre a origem das raças, entendemos que historicamente a cor negra está relacionada à noite, ao escuro, à sujeira, ao medo e a tudo que possa fazer mal. Desta forma, compreendemos que o branco é o antônimo de tudo que foi supracitado. Foi construído sobre ele a imagem de um ser limpo, da luz e do bem. Tudo isto vêm de uma época na qual o sofrimento e a dor andavam de mãos dadas aos escravizados que foram apartados de seu povo e de sua terra.

No decorrer da escravidão, os negros/as precisavam se manter de forma autêntica aos seus costumes, como forma de resistência, para que sua essência permanecesse, mesmo estando longe da sua família, vivendo numa cultura que o oprimia e não o reconhecia como um sujeito, e sim como um objeto de trabalho. Fanon (2012) afirma que o

[...] negro, que nunca foi tão negro como depois que foi dominado pelo branco, quando decide provar a sua cultura, fazer obra de cultura, percebe que a história lhe impõe um terreno preciso, que a história lhe indica uma via precisa e que deve manifestar uma cultura negra (p. 245).

Mesmo escravizado e convivendo em um contexto transculturado, os homens e mulheres negros e negras não perderam todas as marcas de sua ancestralidade uma vez que a cor, os cabelos e a religião o fazia ser quem era. De fato, esses sujeitos conseguiam cultuar seus deuses, mesmo que de forma mais restrita para que não fossem descobertos por seus senhores, já que esse tipo de prática religiosa era tido como algo demoníaco, por envolver sacrifícios de animais, necromancia e possessão. Tendo em vista que grande parte da América era cristã católica, tudo que fugisse dessa doutrina estabelecida pelo cristianismo era abominado. Portanto, não bastava sofrer xenofobia e racismo, esses indivíduos compartilhavam a dor da

intolerância religiosa como um estigma decorrente do preconceito, segregação e da política de morte.

O único meio de “voltar para casa” que os negros escravizados tinham era o culto aos seus ancestrais. As músicas e todo o rito religioso eram cantados em sua língua materna: “[...] língua ayizo, do povo Ewe-Fon da África Ocidental, no país hoje chamado Benin, o antigo Reino do Daomé” (PARADISO, 2012, p. 287), e desta forma, eles conseguiam entrar em contato com seus ancestrais. Em meio a esta diáspora africana, era essencial o culto ao *Voodoo* para que os negros pudessem se sentir em casa, mesmo que de maneira restrita e limitada.

As práticas religiosas são formas de cultuar seres que dentro da religião se tornam fortes, entidades que podem ser espíritos, deuses e loas, que são como os espíritos chamados no *Voodoo*. Embora não seja a religião oficial do país, o *Voodoo* passou a ser conhecido no mundo pelas suas práticas no Haiti e no sul dos Estados Unidos da América, mais precisamente na Louisiana, em New Orleans, hoje conhecida como a cidade do *Jazz* e do *Voodoo*.

A série de TV *American Horror Story – Coven* (2013-2014), dirigida por Ryan Murphy, com o roteiro baseado em bruxaria, traz consigo uma bagagem sobre representações reais do *Voodoo* em New Orleans, ficcionalizando personagens históricas como: Madame Delphine LaLaurie e Marie Laveau.

*The Voodoo Queen*, como é conhecida popularmente nas ruas de *New Orleans*, Marie Laveau é uma das maiores referências como sacerdotisa da religião desde o século XIX. Mesmo após sua morte, que ainda é um mistério para os moradores da cidade, até os dias de hoje, simpatizantes, devotos do *Voodoo* e pessoas que visitam a cidade, fazem reverência em seu túmulo, deixando uma marca com três “XXX”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> As pessoas riscam essa marca no túmulo de Marie Laveau e fazem um desejo logo em seguida, que acreditam que será realizado.

**Figura 01: No trono em que a faz rainha: Marie Laveau sentada<sup>6</sup>**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon Prime Vídeos.

*Angela Bassett* nos alimenta de maneira satisfatória, devido a incrível interpretação da personagem. Como é observado na imagem, ela está sentada numa cadeira relativamente alta, que vai dar a ideia de superioridade, ou seja, não é uma cadeira comum que possa ser utilizada por qualquer pessoa. Trata-se de uma cadeira digna de uma rainha. As cabeças de jacaré são utilizadas para dar apoio, uma ao seu braço e outra ao seu tablet. Artefatos místicos também são utilizados na composição da cadeira: podemos considerar duas asas, penas, búzios, desenhos e amuletos, que tanto podem ser vistos na cadeira quanto em seu corpo. Caracterizada como uma mulher muito esperta, proteção nunca foi considerada demais em sua representação. Então é comum encontrá-la sempre com algum amuleto.

Observamos que alguns estereótipos relativos à representação da sacerdotisa sofreram alteração na imagem que observamos acima. A sacerdotisa, anteriormente representada como uma mulher velha, feia e decadente aqui é vista como uma mulher bonita. Podemos considerar que essa cena não diz respeito apenas à representação feminina, mas também como observamos a questão racial em discussão.

A câmera foca na personagem a partir da perspectiva de uma *contra-plongée*<sup>7</sup>, ângulo que evidencia a superioridade de Marie Leveau, colocando-a, de

---

<sup>6</sup> Cena encontrada no terceiro episódio, no minuto 31:43.

fato, como a rainha que o seu nome evoca. Vemos a religião transculturada descendente dos cultos africanos ser representada por uma mulher e isso não ocorre à toa, pois podemos observar duas perspectivas que jazem no preconceito e discriminação dos negros: a mulher e a religião.

Seguindo a linha dos estudos culturais e pós-coloniais, existe uma metáfora intrínseca ao empreendimento colonial que se estabelece a partir da relação masculino-feminino. O masculino condiz com a metrópole, daí a sua superioridade e hegemonia; do outro lado, a colônia é o feminino, por isso esta foi considerada passível de ser conquistada, subordinada e subjugada pela metrópole. Assim, a religião e a sua ligação com a figura de *The Voodoo Queen* não se estabelecem em vão, pois existe uma contraposição entre a religião do colonizador tida como boa, benéfica, cristã e pautada em preceitos morais; e, do outro lado, a religião do colonizado classificada como maléfica, ímpia, degenerada, depravada e pagã. Assim se estabeleceu o dualismo branco/negro, bom/ruim, cristão/pagão que, entre tantas outras dicotomias, permeiam o imaginário ocidental acerca do que é considerado o seu oposto – o colonizado-negro. Nesse oposto ao negro, encontramos a figura de Madame Delphine LaLaurie, conforme podemos observar na figura abaixo:

**Figura 02: Madame Delphine LaLaurie sentada na sala de sua casa<sup>8</sup>**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon Prime Vídeos.

---

<sup>7</sup> Enquadramento da câmera sendo filmado de baixo para cima dando a sensação de poder a personagem.

<sup>8</sup> Cena do primeiro episódio, minuto 0:15

Madame Delphine LaLaurie, interpretada por Kathy Bates<sup>9</sup>, assim como Laveau, também é uma figura histórica da cidade New Orleans. Era conhecida por sua má reputação, como uma senhora que maltrava/torturava seus escravizados das maneiras mais cruéis possíveis, com rituais de beleza sinistros. De fato, Delphine gostava de dar muitas festas para a alta sociedade da época, e isto foi bem representado na série. É perceptível, na imagem acima, a figura de uma mulher rica e bem vestida, acompanhada de seu esposo. Percebemos que a figura da mulher branca é dominante nesta cena, pois ela está num lugar de superioridade, sentada no meio da sala, recebendo os convidados e apresentando suas filhas para os possíveis pretendentes.

Ao observarmos e compararmos as formas como as duas personagens femininas foram representadas na obra, podemos destacar o privilégio do branco e a outromização do negro. A mulher branca, bem vestida, rica em uma casa confortável – embora seja maléfica –, é colocada em contraponto com Laveau que é representada em um ambiente escuro, com cores fortes, móveis deteriorados. Contudo, fica exposto que ambas, mesmo pertencendo a círculos sociais diferentes, foram construídas esteticamente como pessoas poderosas na obra. Sendo assim, acerca do lugar que o colonizador e o colonizado ocupam na sociedade, Albert Memmi traz a seguinte consideração:

Nada poderia legitimar melhor o privilégio do colonizador que seu trabalho; nada poderia justificar melhor o desvalimento do colonizado que sua ociosidade. O retrato mítico do colonizado conterà então uma inacreditável preguiça. O do colonizador o gosto virtuoso da ação. Ao mesmo tempo, o colonizador sugere que o emprego do colonizado é pouco rendoso, o que autoriza os salários inverossímeis (MEMMI, 1977, p. 78).

Nesse sentido, ao direcionarmos à Delphine as considerações de Memmi, a representação da personagem revela-se não somente um exemplo transparente, como também, nos permite compreender a perspectiva na qual a personagem se encontra, ou seja, colonizadora. Assim, ao ceifar a vida de negros, para coletar o sangue e utilizar em benefício próprio, com rituais que na crença trariam a ela o rejuvenescimento, Delphine equipara o significado de uma vida negra à meros detalhes fúteis, como sua aparência.

---

<sup>9</sup> Ela ganhou seu segundo Emmy pelo seu papel como Madame Delphine LaLaurie na terceira temporada de, *American Horror Story: Coven*.

LaLaurie foi enfeitiçada por Laveau, sendo enganada e direcionada a beber uma suposta porção do amor, e foi com uma sede tão grande ao frasco que ela seria incapaz de perceber que ali estava condenando sua vida à imortalidade. Sucedendo a ela sensações de dor e perda de entes queridos, – que foram mortos por Marie Laveau, por vingança – tendo que conviver com essa dor por toda a eternidade, advindo de um preço alto a ser pago por todas as mortes ocasionadas aos escravos.

Além dos feitiços, há uma entidade de extrema importância da religião, que é o Papa Legba<sup>10</sup> - primeira Loa a ser saudada em qualquer culto de *Voodoo*. Além disso, a série também nos concede em sua maior parte da narrativa as bruxas que são descendentes de Salém. Porém, buscamos analisar as questões da cultura negra de cunho religioso.

**Figura 03: O senhor de todos os caminhos: Papa Legba<sup>11</sup>**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon Prime Vídeos.

A cena em questão, nos mostra a representação da figura do Papa Legba. Esteticamente na série, a personagem é representada por uma pessoa negra e jovial, um chapéu com caveiras, dreads, roupas pretas, unhas grandes e uma bengala fazem parte de seu estereótipo. É sabido que Legba, nos cultos, é a primeira Loa a ser saudada e isto significa pedir a sua licença para poder

<sup>10</sup> Papa Legba é a primeira e a última entidade a ser saudada nos cultos *voodoo*. Responsável por abrir e fechar as portas entre o mundo dos espíritos e dos vivos. Ademais, Legba quando devidamente saudado mantém longe os espíritos que não forem convidados para o ritual. Ele é o senhor de todos os caminhos.

<sup>11</sup> Episódio dez da terceira temporada, minuto 36:23.

estabelecer a comunicação com o plano espiritual. Em questão, ele é a entidade da comunicação entre esses dois mundos, é o senhor dos caminhos, que abre e fecha todas as cerimônias *Voodoo*.

Vale ressaltar que existem divergências entre *Voodoo*, *Hoodoo* e *Candomblé*. Apesar de haver algumas semelhanças, principalmente por nascerem de religiões de matriz africana, utilizando rituais, encantamentos, superstições e feitiços para saudar e/ou atingir objetivos propostos para um devido fim, essas religiões têm suas diferenças que as tornam únicas.

Neste sentido, os principais contrapontos que podemos notar dentre essas doutrinas e práticas são as terminologias, que mudam consideravelmente, sejam elas as saudações ou até mesmo o nome que denominamos as divindades: as entidades pertencem ao *Candomblé* são os Orixás; no *Voodoo*, esses espíritos são chamados de Loas. A série reverencia uma divindade em específico que, obrigatoriamente nos cultos das religiões vindas da África, precisam ser cultuados primeiro, seguindo assim uma hierarquia que neste caso é representada pela figura do Papa Legba.

Para fins didáticos, levantaremos um paralelo entre o *Voodoo* e o *Candomblé*, visto que a presença da cultura candomblecista tem uma maior difusão no Brasil e, deste modo, poderemos entender os contrastes supracitados e discutir o *Voodoo* em sua totalidade. O imaginário coletivo do Brasil, em relação aos rituais do *Candomblé*, está melhor formado, mesmo que ainda de forma negativa, preconceituosa e por vezes pejorativas. Os nomes, as formas como as entidades são cultuadas, as reverências e oferendas são as principais diferenças entre essas duas religiões em questão.

As entidades, que no *Candomblé* chamamos de Orixás, são representadas por forças da natureza, apesar de haver o sincretismo religioso com os santos católicos. Isso não modifica o fato de que existe a intolerância por trás de toda a história de luta e perseguição cristã contra os candomblecistas.

Como podemos ver, em relação à hierarquia entre as entidades de ambas as religiões, a partir do recorte da canção *Ponto de Exu pimenta* podemos notar: “Macumba sem exu não existe, macumba sem exu não há<sup>12</sup> [...]”, o Orixá Exu é conhecido como o senhor que abre e fecha os caminhos, dono das encruzilhadas

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bYDhAJPhv7g&t=26s&ab\\_channel=OganMarcio](https://www.youtube.com/watch?v=bYDhAJPhv7g&t=26s&ab_channel=OganMarcio)



que quebra demandas. Exu também é a comunicação entre o plano material e o espiritual. A primeira entidade a ser saudada nos cultos afro-brasileiros.

O *Hoodoo* não é uma religião, mas sim uma prática de magia folclórica que envolve apenas a própria pessoa como idealizadora das magias e que não precisa seguir uma determinada doutrina para realizar suas possíveis práticas, sejam elas para encantamentos contra outras pessoas e até para favorecer os próprios praticantes. Podendo ser feitiços de cura, prosperidade e qualquer outra forma de benefício que esteja ao alcance deste saber que envolve energias. Posto isto, algumas ações que ocorrem no *Voodoo* notadamente são práticas de *Hoodoo*, ou seja, a magia popular que aparece entre doutrinas religiosas.

Dito isto, para deixar de maneira mais clara a diferença entre o *Voodoo* e o *Hoodoo*, o objetivo principal de uma religião – entre as religiões de matriz africana – é a devoção às entidades. Ademais, a religião é seguida de uma hierarquia, a qual temos sacerdotes e sacerdotisas que são representados nos cultos. Já o *Hoodoo* é apenas uma prática de magia pessoal que não precisa de entidades como idealizadoras, apenas da própria pessoa, utilizando de ervas, pós, bonecas, óleos e etc.

Podemos encontrar em algumas produções cinematográficas outras representações que fazem essa referência ao *Voodoo*, a título de exemplo, *The Skeleton Key* (2005), de Lain Softley; *The Princess and the Frog* (2009), de John Musker e Ron Clements, produzido pela Disney. Além destas produções cinematográficas, Paradiso (2012) também conduz em sua pesquisa algumas representações do *Voodoo* através de canções.

### **3.1 Raça e subserviência: a decida de LaLaurie e o discurso antirracista**

Diferente do que se imagina, a abolição da escravatura não deu liberdade aos negros e seus descendentes a ponto de lhe assegurar formar de sobrevivência e direitos. A abolição da escravatura marginalizou as de pele preta, deixando-as sem teto, sem comida e sem dinheiro. Foram historicamente acusados de se tornarem vadios. Com relação aos EUA, não é surpresa que hoje as cenas de violência e abuso de poder policial ocorrem contra os negros, bem como nos bairros em que a população predominante é afro-americana, os empregos subalternizados e a marginalização dessa parcela outremizada.

No campo da literatura, seu funcionamento se dá como meio de refúgio, representação e denúncia social, pois assim como expõe Candido (2006), o sujeito embarca no ambiente ficcional mesmo que por pequenas frações de segundo. A literatura, sendo assim, tem papel fundamental na formação cidadã e na representação da sociedade. Observamos, no contexto estadunidense, que a luta dos negros por direitos civis, integração social e valorização de sua cultura é uma luta que dura até a atualidade. Ao longo dos quatro últimos séculos, pudemos contemplar essa luta e observar a forma como os negros eram segregados, tratados como seres bestiais em que sua única qualidade, quando homem, era a força física e, quando mulher, o corpo para satisfação do senhor, o prazer da carne.

Foram necessários longos anos de luta para que as literaturas, as mídias audiovisuais e os demais meios de comunicação comesçassem a representar o negro de forma verossímil. No teatro e na TV, homens brancos se pintavam de tinta escura para atuar; no cinema, atrizes negras foram impedidas de ganhar prêmios e dividir espaços com atrizes brancas; nas literaturas, autoras negras eram relegadas ao esquecimento por serem taxadas como analfabetas. Os próprios movimentos sociais não incluem a comunidade negra. O feminismo, antes mesmo de ser visto como feminismo, era composto por mulheres negras que lutavam pelo direito de existirem enquanto sujeito. Enquanto ser vivo. Não mais como objeto.

Como expõe Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe* (2016, p. 19), as mulheres negras eram vistas como objetos valiosos porque poderiam parir mais escravos. Não era o seu trabalho que era valorizado, ou sua voz, ou sua beleza: era o fato de poderem reproduzir mais sujeitos negros, muitas vezes nascidos através de estupros, de abusos violentos e nocivos. Desta forma,

Nas décadas que precederam a Guerra Civil, as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função da sua fertilidade (ou falta dela): aquela com potencial para ter dez, doze, catorze ou mais filhos era cobiçada como um verdadeiro tesouro. Mas isso não significava que, como mães, as mulheres negras gozassem de uma condição mais respeitável do que a que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas (DAVIS, 2016, p. 19).

A mulher negra escravizada não possuía direito ao seu corpo, aos filhos (DAVIS, 2019, p. 20) e muito menos ao lucro do seu trabalho. A mulher negra, como expõe Djamila Ribeiro (2019), é a *outra da outra*. A negra está no último patamar de uma grande pirâmide social, em que o homem branco e a mulher branca dominam.

Assim como os portugueses fizeram com os indígenas no Brasil Colônia, a fé católica era a regra, era a fé que deveria ser seguida. Religiões africanas deveriam ser deixadas do outro lado dos oceanos, não deveriam ser cultuadas e, ao menor sinal de adoração, os seus adoradores deveriam ser punidos.

Durante todo o século XX e início do XXI, foram necessárias grandes ressignificações sobre o que é ser negro. Muitas autoras precisaram dizer o óbvio, mas que não era entendido pelos demais. Mulheres como a própria Angela Davis, Lélia Gonzalez, Bell Brooks, Djamila Ribeiro, entre outras, expuseram o que muitas mulheres já expunham nos séculos XVIII e XIX – a exemplo o discurso de Sojourner Truth, intitulado *E eu não sou uma mulher?*, direcionado às mulheres brancas e aos homens brancos.

O ato da comunidade negra resistir se mostra como uma afronta ao comumente tradicional. Ao exercer sua religião, o negro impõe-se e demonstra existência. Ao cantar suas músicas, o negro impõe-se e continua demonstrando existência. Ao clamar seus deuses, o povo negro também está se impondo e demonstrando sua existência. Ao tentar silenciar um negro, não se comete apenas racismo: se comete injúria racial e intolerância religiosa. O mesmo acontece ao tentar silenciar uma mulher negra, e assim apagar seu passado de silenciamento histórico, como foi feito com suas avós, mães e tias.

Se entre mulheres negras e brancas não existia igualdade, entre as mulheres negras e os homens negros não havia somente igualdade, mas também irmandade. Como expõe Davis, as mulheres deveriam fazer os trabalhos forçados assim como os demais, exerciam ainda a igualdade “[...] de modo combativo, desafiando a desumana instituição da escravidão. [...] elas envenenavam os senhores, realizavam ações de sabotagem e, como os homens, se juntavam às comunidades de escravos fugitivos, seguindo [...] rumo ao Norte” (p. 31).

Hoje, depois de lutas, movimentos e mortes, ao negro ainda é relegado um espaço intitulado como exótico ou fetichizado. A cultura negra, cuja essência remonta as Áfricas, vem ganhando espaço, tornando-se objeto de estudo como nos de autores já citados aqui, como Sílvio Almeida, Djamila Ribeiro e Angela Davis.

Apesar da narrativa de *Coven* ter seu foco relacionado à bruxaria, ela também nos apresenta questões de luta contra o racismo, em decorrência da cena do terceiro episódio, em que temos figura de Madame Delphine LaLaurie, subvertida à

figura de empregada, tendo em vista que ela viveu numa época na qual o racismo estava em maior evidência e foi uma torturadora de seus escravos.

**Figura 04: Madame Delphine LaLaurie se recusa em servir Queenie<sup>13</sup>**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime vídeo.

Embora a trajetória de Madame Delphine não tenha sido uma das melhores, pelo fato de ser acometida com a maldição da imortalidade, vendo toda sua família envelhecer e morrer e continuar intacta – neste caso sua família foi toda assassinada –, este foi o preço pago por toda sua história de maus tratos com seus escravos. A série ironiza a personagem, trazendo uma inversão de papéis: a senhora branca, racista e torturadora, passa a ser a empregada da casa e a escrava pessoal de Queenie, refletida na figura de uma mulher negra.

Inconformada com toda a situação que lhe foi imposta, LaLaurie se recusa a servir Queenie pelo fato de ser uma negra. Sendo assim, joga o prato – que seria a refeição de Queenie – contra a parede e, além disso, demonstra comportamentos insolentes dizendo que existem limites em seus serviços como empregada. Vejamos o diálogo a seguir que compõe a cena:

Queenie: Você é a vadia que bateu em mim com o candelabro.

Madame Delphine LaLaurie: Como ousa abrir a sua boca suja para mim, crioula.

Queenie: Como é?

Madame Delphine LaLaurie: Posso ser empregada, mas minha servilidade tem limites.

Queenie: Ponha a comida na minha frente antes que eu jogue esse prato em você.

<sup>13</sup> Episódio três da Terceira temporada, minuto 13:10

[neste momento Madame Delphine LaLaurie joga o prato contra a parede]  
 Queenie: Vaca branca!  
 [Fiona aparece com seu discurso antirracista]  
 Fiona: Ei! O que está havendo aqui?  
 Madson: A Srta. Aryan Sisterhood não quer servir Queenie.  
 Madame Delphine LaLaurie: Não vou me rebaixar a tanto.  
 Fiona: Delphine, de agora em diante, vai ser a escrava pessoal da Queenie.  
 Queenie, peça a ela tudo que quiser. Fazer a cama, limpar o vaso, sei lá.  
 Queenie: Legal.  
 Fiona: **Não há nada que eu odeie mais do que um racista.**<sup>14</sup> [Grifo nosso]

### Figura 05: Fiona Goode finalizando seu discurso antirracista<sup>15</sup>



Fonte: *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

Dessa forma, o discurso de Fiona, considerando sua posição social enquanto mulher branca, revela e aponta para devidos debates: devido seu tom de pele, é sabido que não conseguiria mensurar o que realmente vem a ser o racismo, ou seja, não goza do lugar de fala. Contudo, a questão cerne desse recorte é o seu posicionamento ante a situação. Não se trata de tomar o local na pauta das lutas negras, mas entender-se como peça fundamental para agir contra o racismo.

Os negros são como animais, incapazes de desenvolver capacidades mentais; os amarelos, um pouco melhores, mas pasivos e lânguidos; os

<sup>14</sup> Queenie: *You the bitch that blindsided me with that candlestick.*  
 Madame Delphine LaLaurie: *How dare you open your mouth to me, Negress.*  
 Queenie: *Excuse-me?*  
 Madame Delphine LaLaurie: *I may be a maid, but there are limits, to my servitude.*  
 Queenie: *You best put that food down in front of me before I Frisbee this plate at your head.*  
 [In this moment Madame Delphine LaLaurie throw the plate against de wall]  
 Queenie: *Cracker bitch!*  
 [Fiona appears with your antiracist speech]  
 Fiona Goode: *Hey! What the hell is going on here?*  
 Madson Montgomery: *Miss Aryan Sisterhood came between Queenie and her food.*  
 Madame Delphine LaLaurie: *I will not stoop*

<sup>15</sup> Episódio três da terceira temporada, minuto 13:44

brancos, ao etnología, são caracterizados por inteligência energética, força física, instinto de ordem e gosto pronunciado pela liberdade<sup>16</sup> (PÁNIKER, 2005, p. 157. Tradução nossa).

Assim, Fiona assume uma posição antirracista, demonstrando seu desgosto e repulsa a esse preconceito, se colocando como aliada às causas antirracista e usufruindo de seus privilégios de Suprema<sup>17</sup> para tal feito. Consideramos esse discurso como uma forma de inculcar no espectador o convite a também ser antirracista e expondo a função social e humanitária da série ficcional. Assim, mergulhando mais a fundo em alguns recortes da produção, passamos a analisar como a mulher que esteve ligada à religião ao ser representada como sacerdotisa.

---

<sup>16</sup> *Los negros son como animales, imposibilitados para el desarrollo de capacidades mentales; los amarillos, algo mejores, pero pasivos y lánguidos; los blancos, por el contrario, se caracterizan por una inteligencia energética, fuerza física, un instinto por el orden y un gusto pronunciado por la libertad.*

<sup>17</sup> A bruxa mais poderosa do clã.

## 5 REPRESENTAÇÕES DO VOODOO: UMA LEITURA DA SÉRIE

O diretor e roteirista da série citada, trabalham com recursos que fazem com que a personagem Marie Laveau dialogue diretamente com os rituais da religião, com a intenção de aproximar o ator de seu papel. Ela é representada com elementos que representam a religião em questão, tendo como exemplo: os turbantes e amuletos presentes na personagem.

Em meio aos domínios franceses na época da colonização, o Haiti foi o primeiro país da América do Norte no qual existem relatos das primeiras práticas do *Voodoo* vindo de Benin. Por ser uma religião que pratica necromancia, possessão e os ritos são banhados de sangue através dos sacrifícios de animais, podemos encontrar pessoas e movimentos que repudiam a prática do sacrifício e que por medo, demonizam essas práticas, criadas através da alteridade branca e cristã.

Portanto, ao observarmos a série com um olhar crítico, desenvolvemos uma reflexão acerca das práticas do *Voodoo* em *American Horror Story – Coven*, na qual é representada a figura histórica e conhecida como *The Voodoo Queen*, Marie Laveau. Apesar do título a ela concedido por seus trabalhos com magias, bruxarias e consultas na cidade de New Orleans, Marie ainda tomava conta do seu salão de beleza, local em que ela fazia seus rituais.

[...] Para as mulheres, a feiticeira é a versão fêmea do *bode espitaório*, sobre os quais transferem os elementos obscuros de suas pulsões. Mas essa projeção na realidade, é uma participação secreta da natureza imaginária das feiticeiras. [...] Enquanto essas forças obscuras do inconsciente não são assumidas à luz do conhecimento dos sentimentos e da ação, a feiticeira continua a viver em nós. Fruto de recalques, ela encarna os desejos, os temores e as outras tendências da nossa psique que são incompatíveis com o nosso ego, seja por serem demais infantis, seja por outras razões [...] A feiticeira é a antítese da imagem idealizada da mulher. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 419).

Nas discussões acerca do lugar do negro e das suas religiões representadas, especificadamente no terceiro episódio da série da terceira temporada de *American Horror Story, The Replacements*, encontraremos uma cena que faz referência a um ritual de fertilidade, no qual temos a personagem Cordelia Foxx<sup>18</sup>, que vai em busca de uma magia específica que apenas a sacerdotisa Marie Laveau tem conhecimento: *Pochaut Medecine*. Na imagem a seguir, veremos como o ritual acontece:

---

<sup>18</sup> Interpretada por Sarah Paulson.

**Figura 06: Cena em que Cordelia está sendo iniciada no ritual<sup>19</sup>**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

O ritual é marcado pelo som de tambores e pela dança, a partir do momento em que Cordelia é levada por dois homens até o uma fogueira que fica no meio da cerimônia. Os participantes começam a entregar os ingredientes que serão utilizados pela sacerdotisa. Enquanto isso, Laveau narra a sequência do ritual:

No dia, você trará 60 gramas do sêmen do seu marido em um pote de vidro. Usamos uma pimenta-da-guiné... mais ardida do que o inferno. Quando os deuses veem tanta disposição para sofrer... e se sacrificar, eles prestam atenção. [Cabra berrando]. Depois de tudo, dormirei quatro dias e quatro noites.<sup>20</sup>

Dito isto, podemos ver que é um ritual bastante significativo, tanto em relação à figura da mulher negra sendo usada por uma branca para cumprir suas necessidades, tanto quanto ao levantamento da importância da religião como forma de poder e força. Na imagem a seguir veremos a continuidade do ritual com a Marie segurando um dos materiais solicitados.

<sup>19</sup> Episódio três da terceira temporada, minuto 29:27

<sup>20</sup> "On the day of, you bring us two ounces of your husband's baby gravy in a mason jar. We use a Guinea pepper... hotter than Hades. When the gods see this willingness to suffer... to sacrifice, they pay attention. [Goat bleating]. When it's over, I sleep for four day and four nights."<sup>20</sup> 29:28



**Figura 07: Marie Laveau dando início ao ritual**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

Por ter conhecimentos sobre curas, feitiços e magias, a figura da sacerdotisa ainda é sobreposta a olhares injuriosos. Além do mais, como sinônimo de subserviência, a figura feminina negra como sacerdotisa, torna-se por ser um ser explorado, pelo fato de ser negra. Na imagem acima, podemos ver um pote de vidro, como descrito na fala de Laveau, com sêmen do marido de Cordelia e em seguida ela o joga em uma fogueira, para que o ritual tenha início.

**Figura 08: Sêmen jogado na fogueira durante o ritual**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

Observamos, nas figuras 07 e 08, que Marie Laveau, enquanto sacerdotisa, não é representada como a feiticeira velha, com verrugas, com um gato preto, corcunda, um caldeirão e que voa em uma vassoura. Vemos, em Laveau, uma mulher jovem e bela que domina a magia, utiliza elementos da natureza, mas que

ainda traz em si traços da deusa que foi caracterizada como um ser demoníaco a ser combatido. Contudo, a marca do sincretismo religioso é perceptível em sua caracterização, tais como a presença do terço e fios de contas. Ainda no tocante à especificação da bruxa, o caldeirão foi trocado pela fogueira e o pote de vidro contendo o sêmen, além de ocorrer na floresta à noite, semelhante ao sabá. Na relação entre fogo e sêmen, observamos que essa relação constitui uma metáfora relativa à geração de uma nova vida. Notamos que, segundo Chevalier e Gheerbrant (2015)

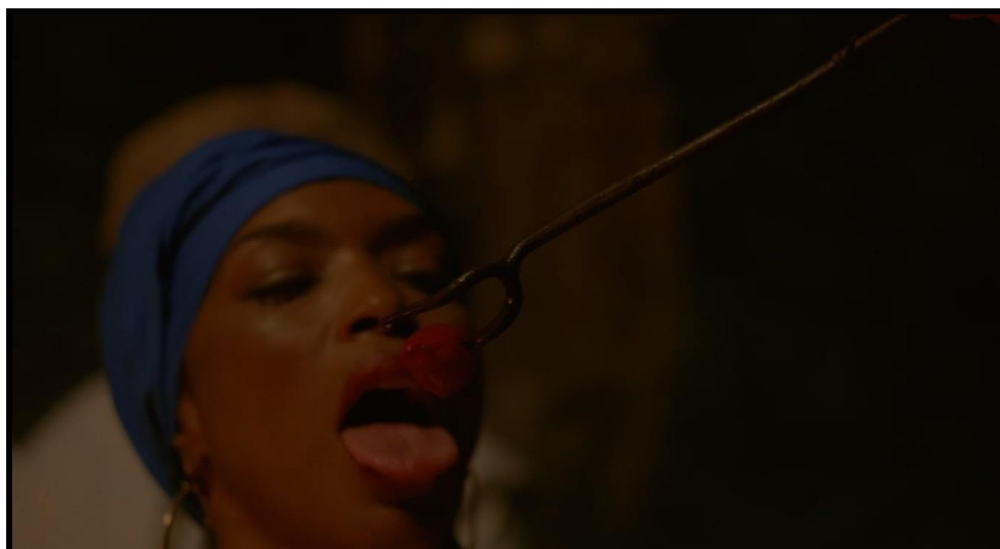
Universalmente considerado como o símbolo fundamental do princípio de vida, com sua força, seu poder e seu brilho, o vermelho, cor de fogo\* e de sangue\*, possui, entretanto, a mesma ambivalência simbólica destes últimos, sem dúvidas em termos visuais, conforme seja claro ou escuro. [...] O vermelho escuro [...] é noturno, é fêmea, secreto [...] representa não a expressão, mas o mistério da vida. (p. 944)

Além do fogo como forma de representação da vida, há ainda, o líquido que gera a vida em uma mulher, os dois juntos, dando a ideia de potencialização no único meio encontrado por Cordelia para poder engravidar. Atendo-se ao fato de que ela já havia procurado outras formas que não tiveram sucesso, observamos que o fogo por si só já tem uma ligação no sentido sexual “[...] (pois, conforme certas crenças arcaicas, ele é gerado, magicamente, no órgão genital das feiticeiras). (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 442), dando ênfase a esta citação, o sêmen que contém na cena, nos traz essa ideia de potencialização e possível geração de vida em Cordelia.

A religião, como forma de cultuar seres sobrenaturais, traz consigo a figura de sacerdotes, neste caso, a figura feminina, como sujeito de valor e influência sendo ela uma das propulsoras dos ritos mais conhecida das Américas. Foi criada uma importância em cima de toda a sua história, abrindo caminhos para outras mulheres negras serem reconhecidas na religião.

No *Voodoo*, cada *Loa* é representado por elementos da natureza. Estes seres têm suas próprias cores, seus dias da semana, seus toques e suas saudações, podendo ser definidos como os *Loas* que abrem os caminhos, os que representam os rios e mares, o vento e a tempestade, a natureza em si. Além das matas e florestas que são de extrema importância quando tratamos a questão de deixar oferendas para estes espíritos.

**Figura 09: Marie comendo a pimenta-da-guiné**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

Próximo ao fim do ritual, para ter a atenção dos deuses voltados para ela, a sacerdotisa come uma pimenta mais forte do que o fogo do inferno, lhe causando sofrimento e dor, pois esta é a única forma de chamar a atenção das divindades, segundo a Laveau. Em seguida, as pessoas que estão participando do ritual trazem uma cabra branca, que é sacrificada em cima do corpo de Cordelia na hora em que o vidro que contém o sêmen, que ainda está na fogueira, explode.

Simbolicamente, a negra se sacrifica – entrando num sono profundo – ao comer a pimenta para que a branca engravide. Observamos, assim, que a exploração dos negros ocorre sob diversos aspectos por parte do branco, seja como seus escravos, mão-de-obra de baixíssimo custo, seja para alcançar objetivos como o de Cordelia, gerando o sacrifício do negro para proporcionar o bem-estar do branco. Mesmo utilizando o sacrifício do corpo negro em benefício próprio, o branco o marginaliza. A religião, da qual ele usufrui para satisfazer os seus desejos, é a mesma que ele renega e marginaliza por considerá-la pagã.

É comum que possamos encontrar em diversas narrativas sobre bruxas a figura de um bode/cabra, e neste caso, no ritual, é representada como símbolo da fecundidade, já que o animal precisa ser sacrificado, e como se já soubesse que está prestes a morrer, o canto do bode representa uma tragédia (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 134). Seja a tragédia em relação à sua própria morte ou a não concretização do ritual.

Como a figura da bruxa está ligada ao demônio em algumas narrativas, como a exemplo temos o filme *A Bruxa* (2015), essa caracterização ocorrerá através da simbologia do bode que “[...] nada mais é do que um signo de maldição, cuja a força atingirá seu auge na Idade Média; o diabo, deus do sexo, passa a ser apresentado nessa época, sob a forma de um bode. O bode é também, assim como o cabo da vassoura, montaria das feiticeiras que se dirigem ao Sabá” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 134). Dito isto, é notório que possivelmente a figura do bode/cabra vai estar sempre ligado à figuração da bruxa, seja para utilizá-los em rituais ou para manter sua comunhão com o diabo.

Marie Laveau pode ser considerada uma sacerdotisa pelo fato de utilizar elementos da natureza para fazer magias e rituais e utilizar a floresta como berço de qualquer eventualidade que recorra ao uso dessas magias. Sua figura como sacerdotisa não é voltada para o estereótipo de uma velha senhora, muito menos pobre. Mesmo sempre estando rodeada de pessoas em sua casa, isso não exclui o fato dela viver sozinha, como vemos em representações recorrentes na série.

#### **Figura 10: Cordelia Foxx banhada no sangue de uma cabra**



**Fonte:** *Printscreen* da série – Disponível em Amazon prime video.

Percebemos mais uma vez a cor vermelha, tanto de sua roupa, quanto do sangue que lhe foi jogado, desta forma, recorreremos novamente às contribuições de Ferber (2007, p. 169):

O vermelho na literatura é a cor do fogo, ouro e rosas; é a cor dos rostos quando mostram vergonha, raiva ou rubor de saúde ou paixão. É também a cor do sangue, é claro, mas com menos frequência do que se possa pensar,

sendo o roxo sua cor literária tradicional. [...] vermelho às vezes é a cor do diabo<sup>21</sup>.

À vista disso, o banho de sangue e o sacrifício da cabra, Marie cai e entra num sono profundo de três dias e três noites, para que desta forma, o ritual se concretize e Cordelia finalmente possa engravidar. O fogo e o vermelho se relacionam à menstruação e como diz Larocca (2018) “o fluxo menstrual foi visto como impuro, acarretando em múltiplas interdições”. Assim dizendo, o ritual passa uma imagem demoníaca e impura.

Além disso, vemos que se trata de uma mulher branca que recorre a uma negra para realizar o desejo de se tornar mãe. Embora haja preconceito contra as religiões de matriz africana, a mulher branca vai procurá-la, para tirar proveito de suas crenças. A mulher branca, superior, precisa da negra como mão-de-obra, o leite como ama para amamentar os seus filhos e até para poder ter filhos. Colocando a figura do negro como alguém que sempre está a serviço do branco.

Ainda, o segundo nome da personagem Cordelia Foxx, quando traduzido para o português, significa raposa, e isto não ocorre à toa, tendo em vista que “a raposa é capaz de simbolizar, herói civilizador” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 769). E é exatamente essa característica heroica que encontraremos em Cordelia no decorrer da narrativa. Quando se tornará a bruxa responsável por erguer o clã e salvá-las da extinção.

---

<sup>21</sup> Red in literature is the color of fire, gold, and roses; it is the color of faces when they show embarrassment, anger, or the flush of health or passion. It is also the color of blood, of course, but less often than one might think, purple being its traditional literary color. [...] Red is sometimes the color of the devil [...] (p. 169)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a discussão do trabalho foi construída em volta da série *American Horror Story – Coven* (2013-2014), focalizando o cunho religioso como forma de resistência e luta contra o racismo e a intolerância religiosa desde os tempos da escravidão. Também pudemos discutir sobre a figura do negro como um sujeito incompreendido e sem voz. Foram utilizadas teorias que abordam essas questões, facilitando assim uma discussão que tem como elemento basilar a releitura do olhar para o lugar que o negro ocupa na sociedade ocidental.

Constatamos que a figura da mulher negra era reprimida duplamente, por ser negra e mulher, fato este que está ligado ao social, em que uma hierarquia de direitos são seguidas a partir do homem branco, a mulher branca, o homem negro e, por fim, a mulher negra, em que a última constitui-se como um sujeito totalmente inferiorizado.

Tendo em vista que as religiões foram meios importantes para a permanência da ancestralidade do negro como sujeito, ela também foi/é uma forma de luta contra o preconceito racial, que faz parte de uma gente que foi escravizada e é intrínseca a suas raízes. Dito isto, consideramos que o respeito à diversidade religiosa é um dos pontos a serem seguidos na luta contra o preconceito racial e que as mulheres negras precisam ter seus direitos igualados com os dos sujeitos que fazem parte de uma pirâmide social racista, misógina, falocêntrica, patriarcal e nitidamente injusta.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. Rio de Janeiro: Pólen Livros, 2019.
- American Horror Story – Coven*. (História de horror Americano – O Clã [Br]). Direção de Ryan Murphy. 2013. Disponível em Globo Play. Acesso em 02/03/2020.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (Orgs.). **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- CINTOLIN, Michele Maria. **Representação da negritude: uma análise da primeira princesa negra da Disney em “a princesa e o sapo”**. 2017.
- DALMASO, F.F. **A magia em Jacmel: uma leitura crítica da literatura sobre o vodu haitiano à luz de uma experiência etnográfica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2009.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.
- FANON, F. **Black Skin, White Masks**. London: Pluto, 1986 [1958].
- HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano**. Pelotas, 2010.
- HURBON, L. **O Deus da Resistência Negra: O Vodu Haitiano**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MARTO, João Pedro Rezende. **Ambiguidades nas telas: “American Horror Story – Coven” e as relações entre imagem, mídia e questões sociais**. Uberlândia, 2019.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PÁNIKER, Augustín. **Índika. Una descolonización intelectual: Reflexiones sobre la historia, la tecnología, la política y la religión em el Sur de Asia**. Barcelona: Editorial Kairós, 2005.
- PARADISO, S. R. **As “heresias” do colonizado: Estratégias de defesa religiosa no Discurso pós-colonial**. SILEL – XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística – II Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2009, Uberlandia.resumo on line, 2009.
- PARADISO, S. R. Relações de poder e alteridade no *Hoodoo* e *Voodoo* da diáspora. Práticas religiosas afro-americanas em *The Skeleton key* (2005). **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano V, n. 13, mai. 2012.

